



BRAYNER, C. dos S.; MORAIS, A. H. C. de; CAVALCANTI, W. M. A. Concepção dialógica da linguagem: algumas reflexões sobre a leitura realizada por surdos sinalizantes. **Revista Diálogos**. Relendo Bakhtin, v. 5, n. 1, 2017.

[<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia>]

CONCEPÇÃO DIALÓGICA DA LINGUAGEM: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A LEITURA REALIZADA POR SURDOS SINALIZANTES

—†‡§¶□□□—L: //‡†□□□‡‡ //—L.□□‡<—>.: //‡\□□=∞: .‡.□□—□ □—†.□.□□□□—††: .L.□□—†.L.□□— //—†□□□‡:→

Dialogic concept of language: reflections on the reading carried out by the signalling deaf

Izabelly Correia dos Santos BRAYNER¹
 izabellybrayner@unicap.br
 Antonio Henrique Coutelo de MORAIS²
 antonio.moreas@unicap.br
 Wanilda Maria Alves CAVALCANTI³
 wanildamaria@yahoo.com

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco. Professora Assistente I do curso de Letras da Universidade Católica de Pernambuco. Recife – Pernambuco – Brasil.

² Doutorando do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco. Professor Assistente I do curso de Letras da Universidade Católica de Pernambuco. Recife – Pernambuco – Brasil.

³ Doutora em Salud y Familia pela Universidade de Deusto, Espanha. Professora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco. Recife – Pernambuco – Brasil.





1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A linguagem tem sido nosso objeto de estudo desde a Graduação, estendendo-se pelo Mestrado e, agora, pelo Doutorado. O fascínio por estudá-la se iniciou quando nos deparamos com sujeitos surdos que utilizavam a Língua Brasileira de Sinais - Libras. O nosso questionamento principal era, e continua sendo: como o surdo (que utiliza Libras como meio de interação) poderia compreender livros, revistas, gibis, folhetos, cartas, emails, entre outras atividades realizadas no nosso cotidiano em línguas orais-auditivas mesmo que na modalidade escrita?

Então, no caso deste trabalho, nosso objeto de estudo é a aquisição de segunda língua por surdos, tendo como base a opção brasileira que se encontra em sintonia com a maioria dos países do mundo, adotando o Bilinguismo como filosofia educacional. Essa filosofia orienta para o uso da Libras como primeira língua (usada como meio interacional) e, como segunda língua, a Língua Portuguesa (que permite o acesso aos conteúdos).

Fazendo uma retrospectiva dos estudos sobre linguagem e sua aplicabilidade na educação, Suassuna (2009) afirma que há quatro décadas a linguística foi introduzida nos cursos de formação de magistério e, com ela, um novo tratamento metodológico foi dado à linguagem. Nesse sentido, é pertinente afirmar que o ensino da Língua Portuguesa passou por muitas mudanças, embora ainda possamos encontrar situações em que esse ensino se encontre direcionado a um trabalho fragmentado, voltado, principalmente, para o ensino das regras, da gramática.

Conforme Brasil (1998) já evidenciou, o fracasso escolar conhecido no momento de elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa apontou a necessidade da reestruturação do ensino dessa língua a fim de promover a aprendizagem da leitura e da escrita. Nas últimas quatro décadas, portanto, a quase totalidade das redes de educação pública empregou um esforço significativo de revisão das práticas tradicionais de ensino da Língua Portuguesa.





Brasil (1998), imbuído das ideias bakhtinianas, considera a importância e o valor dos usos da linguagem como determinados historicamente a partir das demandas sociais de cada período. Nessa perspectiva, exigem-se níveis de leitura e de escrita diferentes e muito superiores aos que satisfizeram as demandas sociais até pouco tempo atrás – e tudo indica que essa exigência tende a ser crescente. Acreditamos, portanto, que houve avanços nesse ensino, no entanto o que talvez não tenha acompanhado essas propostas são as estratégias empregadas pelos agentes envolvidos na educação, mantendo velhos hábitos.

Além disso, no caso do sujeito surdo, o português é ensinado como língua materna, porém, quando se deparam com essa língua na escola, alguns deles já têm uma adquirida, a Libras. Mais além, é importante destacar que, mesmo para os surdos que não possuem nenhuma língua definida ainda, a Libras seria aquela considerada natural. O reflexo desse conflito linguístico, entre a Libras e a Língua Portuguesa, aponta para o insucesso de crianças, jovens e adultos surdos na aquisição de conhecimentos que circulam na escola, da alfabetização até o Ensino Superior.

Outra questão que se junta a que foi acima mencionada mostra que as metodologias para o ensino da Língua Portuguesa nas salas de aula visam, em sua maior parte, aos alunos ouvintes. Há uma valorização do canal auditivo para a aquisição dessa língua cuja modalidade, que é oral, tem como sentido de apoio a audição. Como a comunidade surda possui esse sentido comprometido, há uma impossibilidade, salvo casos específicos (surdez moderada, uso do implante coclear, dentre outros), de se ter a audição como suporte para a aquisição da leitura.

Esses argumentos aguçaram nosso olhar para a leitura realizada por surdos. Entendemos que essa comunidade usufrui de um sistema educacional de ensino no qual a Língua Portuguesa é ensinada da mesma forma que para o aluno ouvinte, ainda que, na escola, tenha um tratamento diferenciado, com a presença do intérprete, instrutores de Libras e salas de Atendimento Educacional Especializado.





Ao cursar a disciplina Teoria Dialógica da Linguagem, no Programa de Doutorado em Ciências da Linguagem, na Universidade Católica de Pernambuco, as exposições, leituras e debates possibilitaram a construção deste artigo sobre a linguagem e algumas considerações sobre a leitura a partir da concepção dialógica, que tem como principal expoente Mikhail Bakhtin.

Portanto, o objetivo deste trabalho foi tecer reflexões no sentido de compreender o ensino de leitura em português para surdos sinalizantes através do viés bakhtiniano. Em termos de metodologia, a pesquisa qualitativa bibliográfica representa a base para esse estudo, juntamente com o referencial teórico produzido por Bakhtin, Volochinov, Koch, Faraco, dentre outros.

2. CONCEPÇÃO DIALÓGICA DA LINGUAGEM

O surgimento das primeiras ideias elucidadas sobre linguagem para Bakhtin, considerado o teórico da heterogeneidade, data de meados da década de 20. Os conceitos desenvolvidos por ele tiveram como principal colaborador Valentin Volochinov, que trouxe consideráveis contribuições na elaboração e ampliação da teoria bakhtiniana.

Volochinov apresenta uma concepção da linguagem que consiste em dois paradigmas: o subjetivismo ideológico e o objetivismo abstrato; enquanto Bakhtin expõe para a sociedade a revolucionária concepção dialógica da linguagem. Os dois paradigmas de Volochinov foram fortemente criticados por Bakhtin/Volochinov⁴ em ***Marxismo e Filosofia da linguagem***, por entender que a língua não se comporta como um produto da mente individual ou como um sistema abstrato. Como alternativa, o autor apresenta a compreensão da língua como um fenômeno social de interação verbal, através da concepção dialógica.

⁴ Embora o livro tenha sido publicado assinado por Volochinov em duas edições, descobriu-se mais tarde que a obra fora escrita por Bakhtin.





Bakhtin/Volochinov (2006) assumem e defendem um posicionamento de que a linguagem é, necessariamente, concebida a partir da interação. Portanto, as atividades humanas são organizadas através de linguagem, sendo ela um produto social que tem por objetivo a comunicação, que, por sua vez, é expressa por meio das palavras⁵.

Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006: 115).

Nesse sentido, a palavra é uma espécie de linha que tece as relações sociais, ou seja, as relações sociais que estabelecemos é que edificam os laços comunicativos. Partindo dessa concepção, entendemos que a linguagem constitui uma capacidade essencial para a interação verbal, sendo através dela que construímos identidades e nos tornamos seres sociais. Faraco (2009) apresenta duas estreitas relações importantes a partir dessa percepção de linguagem: a primeira, entre o enunciado e a situação concreta da enunciação; e a segunda, entre o significado do enunciado a uma atitude avaliativa.

Nessas relações, já evidenciamos a linguagem como uma atividade e não só como um sistema, enquanto o enunciado é constituído pelas relações sociais estabelecidas entre interlocutores. Volochinov (1976b), em ***Discurso na vida e discurso na arte***, apresenta a situação integrada ao enunciado como parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação.

Outro ponto importante é a atitude avaliativa, que Faraco (2009) define, embasado em Bakhtin, como a materialização no tom, na entoação do enunciado. Volochinov (1930) caracteriza a entoação (timbre e tom – que não se materializam apenas na oralidade, mas também na escrita) como um dos pontos determinantes da organização da situação e seu auditório. Mais uma vez, constatamos a importância da inter-relação estabelecida pelos sujeitos, pois, ao enunciar, eles dispõem da entoação (sabendo que seu

⁵ O termo palavra em russo significa a expressão da comunicação que engloba diferentes modalidades de linguagem, como: oral, escrita e sinalizada.





enunciado passará pela avaliação do outro), como elemento de orientação, para que o outro compreenda e participe da situação dialógica.

Para compreender esta inter-relação, é importante saber, com clareza, uma das bases de sustentação da teoria da interação verbal: a definição de “expressão” e “enunciação”. Para Bakhtin/Volochinov (2006), a expressão é tudo aquilo que, tendo se formado e determinado de alguma maneira no psiquismo do indivíduo, exterioriza-se objetivamente para outrem, com a ajuda de algum código de signos exteriores (a língua). Para os autores russos, a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados, sendo constituída através da inter-relação social, ou seja, a situação e o meio social.

Em concordância com essa compreensão, o texto ***A estrutura do enunciado***, Volochinov (1930) evidencia que todo enunciado é um discurso dialógico orientado em direção ao outro, e essa orientação o autor nomeia de “orientação social⁶”, sendo ela construída a partir das relações sociais e hierárquicas estabelecidas pelos interlocutores.

Desse modo, entendemos que, dentro de um processo interacional, é essencial o contato entre os sujeitos, e que ambos partilhem do mesmo meio social, e das relações estabelecidas com esse meio, pois só assim a palavra atingirá seu objetivo, a comunicação⁷. Nesse aspecto, cabem as considerações de Bakhtin/Volochinov (2006: 114) sobre a palavra:

A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais ou mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.).

Sendo assim, a linguagem é uma atividade sociocultural e, nesse sentido, ela é constitutiva das práticas discursivas que se realizam em diferentes conjuntos interacionais, ou seja, em diferentes atividades

⁶ Volochinov (1930) define a orientação social como forças vivas e constitutivas, que ao mesmo tempo em que organizam o contexto do enunciado – a situação – determinam também a sua forma estilística e sua estrutura gramatical.

⁷ É importante ressaltar que comunicação para Bakhtin e Volochinov não tem o mesmo sentido que para Saussure, Jakobson e outros. Para os autores russos trata-se de uma comunicação a partir das relações dialógicas interlocutiva e interdiscursiva.





humanas. Nosso maior interesse em relação à linguagem é o dialogismo, definido por Bakhtin como os posicionamentos dos sujeitos nas relações dialógicas, e esse conceito nos fornece uma base para entender a leitura realizada por surdos.

Os posicionamentos assumidos pelos sujeitos diante de uma situação dialógica são compreendidos por Bakhtin/Volochinov (2006) como um posicionamento ideológico⁸, pois, como estamos imersos em determinadas culturas e em uma sociedade organizada, o nosso comportamento será direcionado a essa inserção. Para Bakhtin/Volochinov (2006) a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou sentido ideológico ou vivencial. Portanto, as palavras são carregadas de valores, o que determina os posicionamentos tomados pelos sujeitos numa situação dialógica.

Em tempo, o processo de compreensão é ativo e responsivo, uma vez que a linguagem e os sujeitos são heterogêneos, estando vinculados aos aspectos sociais. Sendo assim, a palavra é concebida de maneira diferente a cada momento social e histórico, evidenciando seu caráter dinâmico, por meio das interações sociais.

3. CONSIDERAÇÕES SOBRE A LEITURA

Dependendo da proposta teórica, teremos uma gama de concepções referentes a esse processo. Destacamos aqui a definição de Koch (2011), que apresenta um ponto de vista da leitura decorrente da concepção de sujeito, de língua, de texto e de sentido que se adote. Quando o foco está no autor e em suas intenções, a leitura é compreendida como uma atividade de captação de ideia, e a interação autor-texto-leitor estabelecida como um propósito constituído sociointeracionalmente. Quando o foco está no texto, a

⁸ Em *Marxismo e Filosofia da linguagem*, Bakhtin/Volochinov (2006, p.21) relaciona à teoria marxista da ideologia as pesquisas científicas, literatura, religião, moral, etc. e o estreito elo com os problemas da filosofia da linguagem. Os autores afirmam que tudo o que é ideológico (todos os produtos da cultura dita imaterial) possui um significado; é, portanto, um signo. E, por fim, Bakhtin/Volochinov chegou à conclusão de que “sem signo não existe ideologia”, mostrando a fundamental importância da ideologia e o estudo dos signos.





leitura é uma atividade que exige do leitor uma linearidade, e nesse ponto, temos uma relação com a concepção de língua como uma estrutura. Por fim, quando o foco está no autor-texto-leitor, temos uma concepção interacional, ou seja, dialógica, e nesse ponto o leitor é percebido como sujeito ativo dialogicamente, na relação estabelecida com o texto.

Como nosso propósito com este texto é trazer algumas considerações sobre a concepção dialógica da linguagem e a partir dela tecer algumas reflexões sobre a leitura realizada por surdos sinalizantes, escolhemos como fio condutor a última perspectiva apontada por Koch (2011) em que a leitura é definida como uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentido. Essa concepção é a mesma de Volochinov, uma vez que o sentido não está nem na alma do autor, ou locutor, nem no destinatário ou leitor, nem no enunciado, mas na interação entre autor, leitor e enunciado.

A definição da autora (KOCH, 2011) nos permite o entendimento da leitura como uma ação interativa, que foi embasada nos conceitos sociointeracionistas de Bakhtin e de Volochinov sobre a linguagem e seu caráter dialógico, e nos possibilita uma compreensão da leitura como um processo dentro de uma perspectiva interacionista, e não fundamentada em estudo isolado, sem considerar o contexto.

Então, um dos pontos principais no processo de leitura é a compressão, que Bakhtin (2003), em ***Estética da criação verbal***, mostra como uma das etapas de processo dialógico; a compreensão é confrontada com outros textos e num contexto novo (no meu contexto, no contexto contemporâneo, no contexto futuro). O autor destaca a fundamental importância de se considerar os diferentes contextos (passados e atuais) para gerar significados enunciativos.

A questão da compreensão nos faz pensar no conceito de compreensão responsiva ativa, de Volochinov (1976b), que não pode ser indissociável do contexto extraverbal. Como o discurso verbal não se apresenta autossuficiente, os sujeitos, em uma atuação ativa, precisam estabelecer a relação entre o texto e a situação extraverbal; portanto, essas significações devem ser estabelecidas na língua materna. Esse ponto é essencial para a aquisição da leitura por surdos, pois as significações deverão acontecer na





sua “língua materna”, no caso a Libras, para que o sujeito entenda o enunciado e possa participar de forma ativa da atividade dialógica, a leitura.

E nesse sentido, Volochinov (1976b) elenca três aspectos que compõem a situação comunicativa, que são primordiais para a compreensão do sentido de um enunciado, no nosso caso, o processo de leitura. Para os autores, o enunciado é composto de duas partes, uma parte verbal e uma parte extraverbal (o contexto): o primeiro é o aspecto espacial (espaço e o tempo) dos interlocutores, que seriam as informações que ambos partilham; o segundo, o aspecto objeto ou tema, permite que a compreensão mútua se estabeleça em condição mínima necessária para a interação; por fim, a avaliação comum, a posição dos interlocutores diante da situação.

No processo de leitura, os elementos elencados por Volochinov (1976b) possibilitam ao autor e ao leitor uma mútua colaboração para que conheçam, percebam e avaliem a situação comunicativa da maneira mais simétrica possível, para que a interação seja estabelecida. Assim, o leitor não pode se deter à situação verbal e excluir o extraverbal, pois comprometerá a significação, ou pode impedir completamente a interpretação dos sentidos. De igual maneira, Bakhtin/Volochinov (2006, p. 32-33) concorda com Volochinov (1976b), mostrando que o sujeito não deve se deter apenas ao material semiótico, pois “compreender um signo consiste em aproximar o signo apreendido de outros signos já conhecidos; em outros termos, a compreensão é uma resposta a um signo por meio de signos”.

Na visão dialógica, o signo não apresenta um valor absoluto e desvinculado da situação social, pois é um componente regido pelos critérios ideológicos. Essa visão permite a compreensão dos estudos que retrataram a temática do processo de leitura por surdos, já que as pesquisas conduzem a resultados insatisfatórios com relação à aprendizagem dos conteúdos.

No entanto, os dados referentes à leitura em língua portuguesa realizada por surdos, tendo a Libras como língua de instrução, retratam que a maioria desses alunos não apresenta dificuldades em lidar com os símbolos gráficos, mas em transpor significados de um item lexical para um gramatical.





Embora não apresentem dificuldades para decodificar os símbolos gráficos, grande parte dos surdos não consegue atribuir sentido ao que lê. Essas dificuldades parecem decorrer, principalmente, da falta de conhecimento da língua usada na escrita, o português, no caso dos surdos brasileiros. A falta de conhecimento pode ser observada tanto em relação ao vocabulário quanto em relação às estruturas (KARNOPP; PEREIRA, 2012: 165).

Sendo assim, evidenciamos que as dificuldades encontradas na leitura, por surdos iniciantes na língua portuguesa, não estão ligadas às dificuldades com os signos (símbolos gráficos), mas, sim, à compreensão desses signos e às estruturas dos enunciados, que são construídos de formas diferentes nas duas línguas.

Portanto, o processo de aquisição da leitura deve ser tratado dentro do contexto social que torna a língua viva, para que ela não perca sua mobilidade e potencialidade de sentidos. Como pontua Bakhtin/Volochinov (2006), o método eficaz para o ensino prático (ensino de língua) exige que a forma seja assimilada não no sistema abstrato da língua, isto é, como uma forma sempre idêntica a si mesma, mas na estrutura concreta da enunciação, como um signo flexível e variável.

Outro ponto que destacamos como importante para o processo de leitura diz respeito aos gêneros, pois o domínio deles reflete na capacidade do desenvolvimento da atividade de leitura. A ideia de gênero já está presente nos textos de Volochinov, relacionando o gênero verbal da vida como o meio no qual o enunciado vive e nasce (IVANOVA, 2011). Já Bakhtin (2003) define os gêneros como tipos relativamente estáveis de enunciados, salientando a diversidade de gêneros do discurso.

Essa abordagem apresentada por Bakhtin (2003) nos parece essencial para o entendimento do gênero, e os elementos que elenca contribuem para a apropriação e desenvolvimento da leitura, a saber: o conteúdo temático, ou seja, os assuntos ou temas típicos; o estilo, a escolha dos recursos linguísticos do gênero; a construção composicional, ou formas de organização textual. Esses três elementos, segundo o autor (BAKHTIN, 2003: 262), “estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado”, e percebê-los no processo de leitura, facilitará a compreensão do texto.





4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresentou algumas considerações acerca da linguagem e da leitura à luz da concepção dialógica. A linguagem é observada dentro de uma perspectiva interacional verbal, na qual a inter-relação entre os sujeitos possibilita a construção de enunciados, e o seu caráter dialógico permite o entendimento do processo de leitura como um ato interativo. Dessa maneira, a leitura de um texto é estabelecida pelo contexto, compreensão, avaliação e, também, pelo gênero.

Os aspectos aqui pontuados sobre linguagem, estabelecidos pela interação, podem auxiliar o entendimento das práticas educacionais de surdos. Conforme mencionamos anteriormente, a comunidade surda utiliza a Libras como principal meio de interação. Essa língua possui uma estrutura distinta da Língua Portuguesa, portanto todo o processo de organização do enunciado e a sua expressão ocorrerá dentro da estrutura da Libras, caso ele não consiga superar os estágios da interlíngua que qualquer aprendiz de segunda língua pode atingir, por exemplo. Nesse sentido, o processo de leitura acompanha a mesma dinâmica, pois as significações de um texto lido em Língua Portuguesa serão mediadas pela Libras até o momento em que o surdo desenvolva habilidades para a leitura na língua portuguesa.

Embora iniciais e inacabadas as considerações deste ensaio, é importante pontuar que o trabalho apresenta questões pertinentes que deverão ser repensadas e amadurecidas futuramente.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4 ed. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

Revista Diálogos.
Relendo Bakhtin, v. 5, n. 1, 2017.





BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FARACO, C. A. **Linguagem & Diálogo:** as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

IVANOVA, I. O diálogo na linguística soviética dos anos 1920-1930. Tradução de Dóris de Arruda C. da Cunha e Heber Costa e Silva. **Bakhtiniana**, 6(1): 239-267, Ago./Dez. 2011.

KARNOPP, L. B.; PEREIRA, M. C. Concepções de leitura e escrita na educação de surdos. In: Ana Lodi; Ana Dorziat; Eulália Fernandes. (Org.). **Letramento, Bilinguismo e Educação de Surdos**. 1 ed. Porto Alegre: Mediação, 2012, v. , p. 125-133.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender:** os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2011.

SUASSUNA, Livia. **Ensaio de pedagogia da língua português**. 2º Ed. - Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

VOLOSHINOV, V. N. **A estrutura do enunciado**, tradução de Ana Vaz, para fins didáticos com base na tradução francesa de Tzevan Todorov (La structure de l'énoncé, 1930), publicada em Tzevan Todorov, Mikhaïl Bakhtin - Le principe dialogique, Paris, Seuil, 1976a.

VOLOSHINOV, V. N. **Discurso na vida e discurso na arte** (sobre poética sociológica). Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo, 1976b.

Recebido em 16 de maio de 2017

Aprovado em 29 de maio de 2017

